

## A Ação Integralista Brasileira e o movimento operário na cidade de Petrópolis (RJ)

Alexandre Luís de Oliveira<sup>1</sup>  
 Leandro Pereira Gonçalves<sup>2</sup>  
 Priscila Musquim Alcântara<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo a análise do discurso do núcleo integralista de Petrópolis junto aos operários das fábricas do município, com a intenção de mobilizá-los e atraí-los para o movimento. Na década de 1930, a cidade era um importante polo industrial fluminense, destacando-se o setor têxtil. Grande parte dos operários, no entanto, era adepta da Aliança Nacional Libertadora. Embora a ANL fosse a ideologia predominante junto ao operariado, Petrópolis foi um expressivo núcleo integralista, tendo sediado o 2º Congresso Nacional Integralista no ano de 1935. Os discursos da ANL e da AIB disputavam a adesão da classe média, e os conflitos entre militantes de ambos os grupos eram frequentes. Este trabalho foi feito com base em pesquisas junto aos jornais da cidade no período em questão (1930-1935).

**PALAVRAS-CHAVE:** Integralismo; Movimento Operário; Petrópolis

<sup>1</sup> Graduado em História pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Integrante do Grupo de Pesquisa Integralismo e outros movimentos nacionalistas (UFF/CNPq). E-mail: [alexandreluisdeoliveira@ig.com.br](mailto:alexandreluisdeoliveira@ig.com.br). Publicações: O jornal *A Marcha* e a estruturação da AIB em Petrópolis - RJ (1934). In: GONÇALVES, Leandro Pereira (Org.); SIMOES, Renata Duarte (Org.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba-RS: Sob Medida, 2011. Petrópolis e o II Congresso Nacional Integralista (1935). In: VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro; GONÇALVES, Leandro Pereira; CHRISTOFOLETTI, Rodrigo (Orgs.). *Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Integralismo e III Simpósio do LAHPS Ideias e Experiências Autoritárias no Brasil Contemporâneo*. Juiz de Fora: LAHPS Publicações, 2010. O Integralismo e o operariado de Petrópolis (RJ) 1930-1935. In: VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro (Org.). *Anais do II Simpósio do LAHPS 90 Anos da OIT: Mobilização Social e Direitos Trabalhistas*. Juiz de Fora: LAHPS Publicações, 2009.

<sup>2</sup> Doutorando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com estágio (Investigador Visitante Júnior) no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL). Professor do Curso de História do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: [leandropgoncalves@gmail.com](mailto:leandropgoncalves@gmail.com). Publicações: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMOES, Renata Duarte (Orgs.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba-RS: Sob Medida, 2011. SILVA, Giselda Brito; GONÇALVES, Leandro Pereira; PARADA, Maurício (Orgs.). *Histórias da Política Autoritária: Integralismos, Nacional-Sindicalismo, Nazismo e Fascismos*. Recife: Editora da UFRPE, 2010. Propostas de um novo nacionalismo: a visão do imigrante para Plínio Salgado no romance *O estrangeiro*. In: HECKER, Frederico Alexandre de Moraes; MARTINS, Ismênia de Lima. (Orgs.). *E/Imigrações: histórias, culturas, trajetórias*. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2011.

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora – Linha Poder, Mercado e Trabalho. Integrante do Grupo de Pesquisa Integralismo e outros movimentos nacionalistas (UFF/CNPq). E-mail: [pris\\_alcantara@ig.com.br](mailto:pris_alcantara@ig.com.br). Publicações: O jornal *A Marcha* e a estruturação da AIB em Petrópolis - RJ (1934). In: GONÇALVES, Leandro Pereira (Org.); SIMOES, Renata Duarte (Org.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba-RS: Sob Medida, 2011. Petrópolis e o II Congresso Nacional Integralista (1935). In: VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro; GONÇALVES, Leandro Pereira; CHRISTOFOLETTI, Rodrigo (Orgs.). *Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Integralismo e III Simpósio do LAHPS Ideias e Experiências Autoritárias no Brasil Contemporâneo*. Juiz de Fora: LAHPS Publicações, 2010.

## **Ação Integralista Brasileira and the laborers in the city of Petrópolis (RJ)**

**ABSTRACT:** This article analyzes the discourse of the Ação Integralista Brasileira in Petrópolis developed for the workers of the factories in the city, with the intent to mobilize and attract them to the militancy. In the 1930s, Petrópolis was an important industrial city of Rio de Janeiro, especially the textile sector. Much of the weavers, however, was adept of the Aliança Nacional Libertadora (ANL). Although the ANL was the predominant ideology among the working class, Petrópolis was a significant Integralista center, having hosted the Second National Congress Integralista, in 1935. The discourses of the ANL and the AIB disputed the accession of the middle class of Petrópolis and fighting between militants from both groups often occurred. This work was based on research using city newspapers as a source.

**KEY-WORDS:** Integralismo; working movement; Petrópolis (RJ)

### **INTRODUÇÃO**

Petrópolis foi fundada no ano de 1843 para servir como cidade de veraneio da Família Imperial. Devido à proximidade com o Rio de Janeiro, então capital do Brasil, foi constituída de vários casarões que serviam de moradia para a elite política do Império, que seguiu o hábito do imperador e de sua família.<sup>4</sup>

A cidade se destacou nos primeiros anos do século XX como o principal centro têxtil fluminense, principalmente na década de 1930. Estas indústrias pertenciam, na maioria, a empresários do Rio de Janeiro. Este fato gerava insatisfações por parte dos operários petropolitanos, pois, embora com os mesmos empregadores, os salários eram inferiores aos dos trabalhadores das unidades fabris situadas na capital.<sup>5</sup>

Em 1935, com a criação da Aliança Nacional Libertadora (ANL), a cidade de Petrópolis passou a competir por espaço com a Ação Integralista Brasileira (AIB), que existia desde 1932. Estes movimentos tiveram grande força na cidade e, assim como em âmbito nacional, os militantes petropolitanos de ambos os grupos também entraram em conflito.

### **CIDADE IMPERIAL VERSUS CIDADE OPERÁRIA**

A ideia de Cidade Imperial persiste até nossos dias e é utilizada com a intenção de promover o turismo local. Junto a essa ideia, vem também o rótulo de colônia germânica, ideia que atribuiu o desenvolvimento da cidade de Petrópolis em fins do século XIX e início

<sup>4</sup> TAULOIS, Antônio Eugênio. 160 anos da Imperial Colônia de Petrópolis. In: *Anais do colóquio e artigos publicados sobre a Imperial Colônia de Petrópolis*. Petrópolis: Instituto Histórico de Petrópolis; Universidade Católica de Petrópolis, 1995. p. 56.

<sup>5</sup> MARTINS, Ismênia de Lima. *Subsídios para a industrialização em Petrópolis: 1850/1930*. Petrópolis: Universidade Católica de Petrópolis, 1983. p. 34.

do século XX à vinda de cerca de 3 mil colonos germânicos em 1845. Somados aos já residentes na região, chegaram a representar 50% do total de habitantes quando chegaram. Mas estas interpretações, que reduzem Petrópolis a uma cidade de colonização germânica e palco da elite imperial, estão sendo questionadas por trabalhos mais recentes, como “*Pão, terra e liberdade na Cidade Imperial: a luta antifascista em Petrópolis no ano de 1935*”, dissertação de mestrado defendida por Paulo Henrique Machado em 2005 na Universidade Federal do Rio de Janeiro.<sup>6</sup> Paulo Henrique abordou Petrópolis por outro ângulo, o dos movimentos sociais, dos conflitos, que vão contra a calma e o glamour dos veraneios da elite imperial e o discurso de “população pacata e ordeira”, difundido em Petrópolis desde os tempos do Império para atrair veranistas, dando a falsa ideia de que não havia choques, embates sociais que pudessem comprometer o descanso dos visitantes. A pesquisa “*Subsídios para a industrialização em Petrópolis: 1850/1930*”, realizada em 1983 por Ismênia Martins, já sinalizava que havia muito mais na história da cidade do que aquela que se tentava imprimir por meio da preservação do patrimônio e da memória imperial. Ismênia também questionou a ideia de que a industrialização em Petrópolis deveu-se à colonização germânica e ao expressivo número de italianos que imigraram para a cidade entre as duas décadas finais do século XIX e as duas primeiras do século XX. Conforme aponta o estudo, não se pode atribuir esse êxito industrial à presença de imigrantes estrangeiros, pois, se esse fosse o fator determinante, outras colônias, como Nova Friburgo, teriam uma trajetória parecida com a de Petrópolis.<sup>7</sup> É preciso considerar o panorama econômico nacional e aspectos locais para compreendermos os fatores que contribuíram para a prosperidade industrial da cidade. Em meados da década de 1850, a economia nacional passava por momentos favoráveis, com o aumento dos preços do café e o crescimento da exportação de algodão. Na década seguinte, o setor de transformação da indústria nacional passou a receber investimentos mais expressivos. O governo lançou mão de medidas como a depreciação da taxa de câmbio e uma política econômica deflacionária, o que facilitou a aquisição de maquinário importado para as fábricas. Entre 1860 e 1870, várias pequenas fábricas de tecido se estabeleceram<sup>8</sup> inclusive em Petrópolis.

---

<sup>6</sup> Em 2008 sua dissertação de mestrado deu origem ao livro *Pão, Terra e Liberdade na Cidade Imperial: a luta antifascista no ano de 1935*. O livro foi lançado postumamente no Museu Imperial e na ocasião, Paulo Henrique foi homenageado por seus colegas, alunos e docentes do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>7</sup> MARTINS, Ismênia de Lima. *Op. cit.* p. 34.

<sup>8</sup> SUZIGAN, Wilson. *Indústria Brasileira*. Origem e desenvolvimento. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986. p. 77-80.

Nas discussões em torno da execução do projeto “Povoação-Palácio de Petrópolis” pensava-se na implantação de uma colônia agrícola na região, que abastecesse o Rio de Janeiro com diferentes espécies de legumes e frutas europeias. Na prática, isso não aconteceu. O solo e o revelado não eram propícios. A produção constituía-se basicamente de batatas e legumes, e mal conseguia atender a demanda interna.<sup>9</sup> Segundo Tomás Cameron:

Não há muitos anos, tristes preocupações abalavam os que conhecendo bem a situação de Petrópolis viam como que agonizando a sua população à mingua dos elementos de vida. Colônia agrícola em seu começo estava evidenciado que à lavoura não prestava o terreno, e que o agricultor estrangeiro achava-se sem terras para lavrar, e, portanto, sem trabalho a que dedicar as suas forças.<sup>10</sup>

No entanto, Petrópolis, desde a fundação, demandava um artesanato local desenvolvido. Era preciso o trabalho de muitos artífices nas obras de construção das vilas e do palácio imperial. Entre os anos de 1849 e 1856, surgiram fábricas de cerveja, serraria e ponto de malha, além de outras pequenas oficinas. Em 1873, foi fundada a Imperial Fábrica de S. Pedro de Alcântara, que fabricava tecidos de algodão. No ano seguinte, foi a vez da Companhia Petropolitana, em Cascatinha, também do mesmo ramo.

A estagnação das exportações e o declínio do investimento que caracterizaram a economia brasileira entre os anos de 1874 e 1879 não abateram o setor têxtil. O que se seguiu entre 1880 e 1895, segundo Wilson Suzigan, foi um longo período de expansão do investimento no setor de transformação da indústria brasileira, com crescimento da renda em função da boa fase para as exportações.<sup>11</sup>

Essa boa fase se refletiu também em Petrópolis. A Companhia Petropolitana e a São Pedro de Alcântara prosperaram. No ano de 1885, a Petropolitana possuía 6 mil fusos e 140 teares, fabricava cerca de 7 mil metros diários de tecido e empregava aproximadamente 400 operários de ambos os sexos. Já a São Pedro de Alcântara contava com aproximadamente 200 operários e operava com 4.500 fusos e 108 teares.<sup>12</sup> Outras duas fábricas de tecido se instalaram na cidade nesse período: a Companhia Fábrica de Tecidos Santa Isabel e, em 1895, a Fábrica de Tecidos Aurora.<sup>13</sup>

Vários foram os fatores que contribuíram para o êxito dessas indústrias em Petrópolis. A região oferecia aspectos naturais propícios, como o clima úmido, que evitava a

<sup>9</sup> MARTINS, Ismênia de Lima. *Op. cit.* p 3-10.

<sup>10</sup> CAMERON, Tomás. Os estabelecimentos úteis de Petrópolis. Petrópolis, 1879. In: *Anuário do Museu Imperial*. Petrópolis: Ministério da Cultura, IPHAN e Museu Imperial de Petrópolis, 1995. p. 294.

<sup>11</sup> SUZIGAN, Wilson. *Op. cit.* p. 81.

<sup>12</sup> TINOCO, J. *Op. cit.* p. 237-238.

<sup>13</sup> Aspecto Industrial de Petrópolis – Departamento Estadual de Estatística do Estado do Rio de Janeiro – 1961.

formação de nós na superfície dos tecidos, além da topografia, caracterizada por vários pontões de granito, que permitiam o represamento de água para abastecimento potável e geração de energia. A proximidade com a capital também foi um fator importante, já que o Rio de Janeiro era o principal mercado para os produtos petropolitanos, bem como entreposto das matérias-primas utilizadas por elas. Essa proximidade foi favorecida ainda mais por investimentos no setor de transporte, como a Estrada de Ferro do Príncipe do Grão-Pará, concluída em 1883, por meio da qual era possível ir de Petrópolis ao Rio de Janeiro em duas horas.<sup>14</sup>

A estrada União e Indústria, concluída na década de 50 do século XIX, também era uma importante via de comunicação. Ligando Petrópolis a Juiz de Fora, a estrada, além de importante meio de escoamento para o café da Zona da Mata Mineira, era ainda uma via constantemente utilizada por passageiros. O fluxo de pessoas transportadas pela Companhia União e Indústria era cada vez maior. Em 1858, o total foi de 5.400. Dez anos depois, o número mais que triplicou, atingindo 21.960.<sup>15</sup>

Das companhias têxteis da cidade existentes no período, a única formada por capitais propriamente petropolitanos foi a D. Isabel, que até o final da década de 1930 tinha seu capital constituído majoritariamente por alemães do município.<sup>16</sup>

O trabalho de Ismênia e o de Paulo Henrique apresentam perspectivas diferentes e, de certa maneira, conflitantes. Reinhart Koselleck, discutindo a obra de Chladenius, demonstra que é possível que existam dois relatos contraditórios entre si, que disputem a verdade:

Há uma razão pela qual conhecemos algo dessa maneira e não de outra. Trata-se do ponto de vista a partir do qual se contempla a mesma coisa [...] Desse conceito decorre que aqueles que contemplam algo a partir de diferentes pontos de vista devam, necessariamente, construir representações diferentes desses objetos.<sup>17</sup>

Parece ser o caso de Petrópolis um exemplo. Durante a greve geral de 1935, o *Jornal de Petrópolis*, periódico que representava o interesse dos comerciantes e donos de fábricas, assim descreveu os operários petropolitanos:

<sup>14</sup> MARTINS, Ismênia de Lima. *Op. cit.* p 1-15.

<sup>15</sup> CASTRO, Newton Barbosa. Juiz de Fora – Petrópolis. Estrada União e Indústria, colonização alemã e integração. In: *Colóquio sobre imigração alemã*. 1995, Petrópolis. Anais do colóquio e artigos publicados sobre a Imperial Colônia de Petrópolis. Petrópolis: Instituto Histórico de Petrópolis / Universidade Católica de Petrópolis, 1995. p. 176-179.

<sup>16</sup> MARTINS, Ismênia de Lima. *Op. cit.* 13-14.

<sup>17</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. Citação p.171.

O operariado petropolitano é cordato e ordeiro. O seu passado de trabalho e de civismo é um índice seguro da nobreza dos seus sentimentos. Não é o operariado petropolitano que virá quebrar o ritmo costumeiro de Petrópolis. Ele é parte integrante desta população pacata e boa. Ele não fará guerra de extermínio à indústria de sua terra que é o grande fator do seu progresso. Ele volverá ao labor cotidiano para que não falte o pão a seus filhos.<sup>18</sup>

Como se observa, o argumento de relacionar um suposto passado de paz em função do veraneio imperial ainda era recuperado para censurar qualquer manifestação dos trabalhadores contra seus patrões. Petrópolis continuava sendo a cidade de veraneio, da elite da República, já que a capital do país ainda era no Rio de Janeiro e o hábito de veraneiar na cidade foi mantido pelos presidentes, em especial por Getúlio Vargas, que governava o país no período abordado por este trabalho. Essa prática pode justificar o discurso veiculado pelo *Jornal de Petrópolis*.

## INTEGRALISMO E OPERARIADO

Em 1935 foi fundada no Rio de Janeiro a Aliança Nacional Libertadora. O movimento conquistou um grande número de adeptos entre o operariado de Petrópolis, chegando a reunir cerca de 2.500 filiados, fato que chamou a atenção das lideranças da ANL nacional, já que se tratava de uma cidade de médio porte.<sup>19</sup>

A ANL foi um movimento inspirado na luta contra o fascismo e tinha como objetivo agrupar todos os setores e instituições que se manifestassem contra essa corrente e contra os rumos que o movimento de 1930 tomou com Getúlio Vargas. A ANL congregava membros de diferentes setores sociais e políticos, incluindo comunistas, socialistas e liberais desiludidos com o rumo que havia assumido o processo revolucionário iniciado em 1930. Tinha como presidente de honra o ex-tenente e então líder comunista Luís Carlos Prestes.<sup>20</sup>

Com uma feição oposta, configurando-se como um movimento de extrema-direita, estava a Ação Integralista Brasileira. Fundada por Plínio Salgado, a AIB nasceu como um forte movimento autoritário de cunho nacionalista no Brasil. Com um discurso anticomunista, antiliberal, anti-imperialista e de inspiração fascista, o movimento desejava transformar o Brasil em um lugar de destaque no âmbito mundial, mas sem influências

<sup>18</sup> Os últimos acontecimentos. *Jornal de Petrópolis*, Petrópolis, v. XII, n. 143, p.1, 15 jun. 1935.

<sup>19</sup> PRESTES, Anita Leocádia. PRESTES, Anita Leocádia. 70 anos da Aliança Nacional Libertadora (ANL). *Leituras cotidianas*, n° 135. set. 2005. Disponível em: <[http://br.geocities.com/mcrost07/20050909a\\_70\\_anos\\_da\\_alianca\\_nacional\\_libertadora.htm](http://br.geocities.com/mcrost07/20050909a_70_anos_da_alianca_nacional_libertadora.htm)>. Acesso em 13 de junho de 2009. p.6.

<sup>20</sup> PANDOLFI, Dulce. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida. (orgs.) *O Brasil republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v2. p. 31-32.

externas, apenas resgatando as glórias passadas, uma vez que Plínio Salgado dizia que a AIB era um movimento genuinamente brasileiro:

Este movimento, que é o maior do mundo em extensão geographica, abrangendo um territorio igual ao da Europa, que é o mais impressionante da História Patria, desde o descobrimento, é, também, como phenomeno espiritual, o mais expressivo dos tempos modernos, assim com é o mais typicamente cultural de todos os movimentos sociaes e nacionalistas contemporaneos.<sup>21</sup>

A Ação Integralista Brasileira foi criada no dia 7 de outubro de 1932, na cidade de São Paulo, e era estabelecida como um grupo político que tinha como propósito a formação de um grande movimento nacional, segundo Leandro Gonçalves:

Sua organização, influenciada pelos movimentos fascistas europeus, priorizava a arregimentação de militantes e seu enquadramento em uma estrutura hierárquica. A partir de então, logrou intenso e rápido crescimento, ascendente até a decretação do Estado Novo, em novembro de 1937. O integralismo atacava o liberalismo, os partidos políticos e o parlamento, considerando a democracia liberal como destruidora da alma nacional e responsável pela disseminação do comunismo, inimigo maior a ser combatido. Apresentando-se como um movimento de despertar da nação, o integralismo canalizava, para a ação política, as angústias e temores dos setores médios, constituindo-se como instrumento de sua incorporação ao processo político. O perigo comunista da revolução soviética e as mobilizações do proletariado acentuaram o temor de proletarização dos setores médios, universo em que o integralismo recrutava a maior parte de seus militantes.<sup>22</sup>

O integralismo, por meio de um discurso permeado por uma sólida base cristã, canalizava para a ação política as angústias e temores da sociedade, constituindo-se como instrumento de sua incorporação ao processo político. Segundo António Costa Pinto: “A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi talvez o mais bem-sucedido dos movimentos fascistas latino-americanos”.<sup>23</sup>

Em Petrópolis, o movimento se articulou com a implantação de um núcleo e vários subnúcleos nos mais diversos bairros da cidade, como pode ser observado por meio do artigo publicado na *Tribuna de Petrópolis* intitulado “O integralismo nos Quarteirões”: “Com numero cada vez maior de integralistas do bairro, vem se realizando semanalmente às quartas-feiras a habitual reunião doutrinaria na sede deste Núcleo”.<sup>24</sup> Há registros de que funcionou

<sup>21</sup> SALGADO, Plínio. *A doutrina do Sigma*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1935. p.13.

<sup>22</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. Literatura e Autoritarismo: a busca da autenticidade nacional nos romances de Plínio Salgado. In: SILVA, Giselda Brito; GONÇALVES, Leandro Pereira; PARADA, Maurício. (Orgs.). *Histórias da Política Autoritária: Integralismos, Nacional-Sindicalismo, Nazismo e Fascismos*. Recife: Editora da UFRPE, 2010. p. 273.

<sup>23</sup> PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis: ideologia, elites e movimentos fascistas em Portugal – 1914-1945*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. p.143.

<sup>24</sup> O integralismo nos Quarteirões: Núcleo Districtal da Mosella. *Tribuna de Petrópolis*. Petrópolis, v. XXXIV, n. 16, p. 4, 19 jan. 1936.

um núcleo no bairro Centro, e outro subnúcleos nos bairros Mosela, Fazenda Inglesa, Itamaraty e até mesmo no distrito mais distante São José do Rio Preto, atual cidade de São José do Vale do Rio Preto.

Petrópolis se transformou em uma arena de disputa, de um lado integralistas, do outro, os aliancistas. Este confronto teve como alvo principal os operários petropolitanos. Os integralistas tinham mais acesso à imprensa, conforme pode ser visto por meio das dezenas de notas de integralistas em jornais locais. O mesmo não ocorre com a ANL. A nota abaixo refere-se à festa de Natal dos integralistas em 1935, permitindo apontar a que setores pertenciam alguns de seus membros:

A Confeitaria Brazil, do Sr. Guilherme Blatt, mandou um prato de finos doces para os plinianos do núcleo. A Galeria Império, acreditado estabelecimento de nossa praça fez oferta de alguns brinquedos. O sr. Joaquim Rabaço, do Armazém Pedras Brancas, fez oferta de alguns kilos de trigo para os doces. O sr. Henrique Gehren, proprietário da viação Cruzeiro, deu também um bom auxílio.<sup>25</sup>

Os integralistas eram contra o imperialismo e associavam a ANL ao comunismo russo e à prática internacionalista. Outro fragmento do jornal *Tribuna de Petrópolis* mostra bem esta ideia de defesa do nacionalismo brasileiro por parte dos integralistas, investindo duro contra a influência aliancista nos grupos de operariados:

É com profundo pesar que venho observando a atitude de muitos patrícios de Petrópolis, como eu, operários, fazendo campanha contrária ao integralismo [...] Convido, pois, esses companheiros transviados e iludidos por falsas demagogias, a estudar a doutrina integralista e verão que nela nada se contem, capaz de colidir com as justas aspirações do homem que trabalha [...] Nós, integralistas, sabemos que muitos patrícios acompanham outras ideologias porque ainda não se deram ao trabalho de estudar o que pregamos. Sem uma análise meticulosa e profunda, eles se deixam levar, por espertos aproveitadores de todas as situações, como é o caso recente do aparecimento de propagandistas de um novo partido político que se diz nacional, mas que na realidade, não passa do Comunismo de Moscou.<sup>26</sup>

Essa publicação foi escrita por Hugo José Kling, chefe do Núcleo Integralista do bairro Mosela. Como se pode notar, Kling era operário, trabalhava como bombeiro hidráulico, e via na ANL a própria ideologia comunista. Segundo seu discurso, tratava-se de doutrina externa, particular de um país, neste caso a Rússia, e não poderia fazer parte do cotidiano de um brasileiro, ainda mais na classe operárias. Dessa forma, é interessante notar

<sup>25</sup> KLING, Hugo José. O Integralismo nos Quarteirões: O Natal no Núcleo Districtal Integralista da Mosella. *Tribuna de Petrópolis*. Petrópolis, v. XXXIV, n. 1, p. 14, 01 jan. 1936.

<sup>26</sup> KLING, Hugo José. O integralismo e os operários. *Tribuna de Petrópolis*. Petrópolis, v. XXXIII, n. 117, p. 4, 26 maio. 1935.

que a prática do discurso integralista não estava restrita a um grupo intelectualizado e letrado da cidade de Petrópolis.

## **O MOVIMENTO INTEGRALISTA E A RESISTÊNCIA DA ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA EM PETRÓPOLIS**

O ano de 1935 em Petrópolis começou em um clima de tensão social. Segundo Priscila Alcântara, no réveillon de 1934, multidões tomaram as ruas, houve paralisação de trens e depredação de bondes no centro da cidade. A revolta foi um protesto de cerca de 15 mil pessoas contra o afastamento do interventor municipal Yêd do Fiúza, que estava à frente do executivo municipal desde 1930, motivado por divergências com o interventor estadual, Ary Parreiras.<sup>27</sup> O novo prefeito, Stefane Vannier, enfrentou problemas na subida da serra para Petrópolis na ocasião de sua posse. Funcionários da Leopoldina, em protesto, pararam o trem em que ele seguia, forçando-o a descer do vagão, sendo obrigado a completar o trajeto de carro.<sup>28</sup>

A direção do *Jornal de Petrópolis*, insatisfeita com as mudanças políticas na cidade, criou a Comissão Pró-Defesa de Petrópolis, com o objetivo de divulgar publicações periódicas e incitar o povo na luta contra a imposição do governo estadual na troca de prefeito:

[...] é preciso que esta energia não esmoreça, que o fogo sagrado do nosso civismo seja mantido, que o plano de guerra não se altere, que ninguém pague impostos à Prefeitura e à Coletoria Estadual, até que a situação seja resolvida de acordo com as nossas exigências.<sup>29</sup>

As manifestações surtem efeito, pois Stefane Vannier pede sua exoneração ao interventor Ary Parreiras. É então nomeado o capitão José de Carvalho Júnior, que era residente na cidade. Sua posse ocorre sem protestos, embora a exoneração de Fiúza não tenha sido esquecida.<sup>30</sup>

Entre os meses de março e abril de 1935, núcleos fascistas e nazistas da cidade intensificaram suas propagandas. O núcleo fascista comemorava o aniversário de fundação do

---

<sup>27</sup> ALCÂNTARA, Priscila Musquim. *Petrópolis, 1935: Greve e conflitos na cidade imperial*. 2009. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso em História – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009. p. 34.

<sup>28</sup> Idem, p. 35.

<sup>29</sup> Os acontecimentos e a atitude que devemos manter. *Jornal de Petrópolis*. Petrópolis, v. XII, n. 3, p.1, 3 jan. 1935.

<sup>30</sup> ALCÂNTARA, Priscila Musquim. *Op. cit.* p. 37.

primeiro “Fascio de Combatentes”.<sup>31</sup> Os nazistas estavam em comemoração pelo aniversário de Hitler, convidando os colonos alemães e simpatizantes a eventos comemorativos em sua sede, que também contou com a presença do deputado do Partido Nacional Socialista da Alemanha, Arthur Kolb, o que tornou os ânimos cada vez mais exaltados na cidade.<sup>32</sup>

Enquanto os segmentos considerados fascistas iam se consolidando na cidade, a Aliança Nacional Libertadora estava sendo lançada, em março de 1935, no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro:

Em menos de três meses e meio de vida, foram fundados mais de 1.500 núcleos aliancistas em todo o Brasil: somente no Rio Janeiro havia mais de 50 mil aderentes; Petrópolis, cidade relativamente pequena e com grande influência dos integralistas, tinha 2500 filiados.<sup>33</sup>

O integralismo já estava estruturado na cidade desde o ano de 1933. Em março de 1935 a cidade foi sede do Segundo Congresso Nacional da AIB. O integralismo já estava enraizado no meio conservador da cidade e, para não perder terreno entre setores da classe média, reforçou a publicação de notas e artigos na imprensa local.<sup>34</sup>

### **O SEGUNDO CONGRESSO INTEGRALISTA DE PETRÓPOLIS: EXALTAM-SE OS ÂNIMOS NA CIDADE**

Embora o Segundo Congresso Integralista em Petrópolis tenha ocorrido em março de 1935, Plínio Salgado, chefe nacional do movimento, visitou Petrópolis no início do ano. Em 3 de fevereiro de 1935, o líder integralista chegou à cidade para uma conferência realizada no extinto Cine Glória. Plínio visitou o que podemos considerar símbolo máximo do conservadorismo petropolitano: o mausoléu da família imperial brasileira, situado no interior da Catedral São Pedro de Alcântara, onde se encontram os restos mortais de D. Pedro II, sua esposa, Thereza Cristina, sua filha Princesa Isabel, juntamente com o Conde D’Eu.<sup>35</sup>

<sup>31</sup> Societá Italiana - O 43º aniversario de sua fundação. *Tribuna de Petrópolis*. Petrópolis, v. XXXIII, n. 88, p. 2, 17 abril. 1935.

<sup>32</sup> FESTA do aniversario natalicio do nosso << FUEHRER >> Adolf Hitler. *Jornal de Petrópolis*, Petrópolis, v. XII, n. 94, p. 5, 19 abril 1935.

<sup>33</sup> VIANNA, Marly de Almeida. *Revolucionários de 1935: sonho e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 163.

<sup>34</sup> MACHADO, Paulo Henrique. *Pão, terra e liberdade na Cidade Imperial: a luta antifascista em Petrópolis no ano de 1935*. 2005. 147 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. p. 96-97

<sup>35</sup> GUIMARÃES, Heitor. Integralismo. *Tribuna de Petrópolis*. Petrópolis, v. XXXIII, n. 36, p.1, 14 fev. 1935.

No dia 24 de março de 1935 o jornal *Tribuna de Petrópolis* publicou uma nota assinada por R. Haack, esclarecendo que o integralismo era um movimento idealista e passivo que não desejava conflitos, visto o comportamento dos militantes durante o Segundo Congresso. Mas esta nota vai além, mostra que os ânimos, já exaltados mesmo antes do congresso, ficaram cada vez mais acirrados, principalmente contra os aliancistas.<sup>36</sup> Os problemas se agravam logo após a ANL ser lançada oficialmente no Rio de Janeiro em março de 1935. O movimento ganha vulto em Petrópolis:

Durante os meses de abril e maio, núcleos da ANL são montados por todo o Brasil, e em Petrópolis diversos bairros e distritos organizam seus subdiretórios, como é o caso dos bairros do Itamarati, Corrêas, Itaipava, Pedro do Rio e São José de Rio Preto, sendo esse último o distrito mais distante e com grande presença de integralistas.<sup>37</sup>

A ANL em Petrópolis se acomodou nos bairros em que o integralismo já havia se fixado. No mês de maio de 1935, a ANL organizou em Petrópolis vários comícios, aproveitando a situação de greve na Companhia Petropolitana, movimento que teve início em paralelo à realização do Segundo Congresso Integralista. Em 17 de maio de 1935 a fábrica Aurora também entrou em greve. À medida que aumentavam as paralisações, a ANL ganhava mais adesão e expressava sua oposição ao movimento integralista. A crítica ao integralismo incluía a figura de Alceu Amoroso Lima,<sup>38</sup> membro da direção da fábrica Aurora. As reivindicações dos trabalhadores da fábrica encontraram força no discurso anti-integralista da ANL, pois associavam o líder católico ao integralismo e ao Centro Dom Vital.<sup>39</sup> Em sua edição de 31 de maio de 1935, o jornal *A Manhã* publica uma matéria intitulada “Nos Feudos do Líder Católico-Integralista Tristão de Athaíde”:

[...] em que descreve a situação relativa às condições de trabalho e salário na Fábrica Cometa, criticando a exploração sofrida pelos operários da mesma. A matéria critica ainda a repressão ao sindicato da referida fábrica, afirmando que “o sindicato é ali combatido porque une os trabalhadores na defesa de seus interesses”. Na mesma matéria, o jornal critica o Centro Dom Vital, considerando “a ofensiva clerical”,

<sup>36</sup> MACHADO, Paulo Henrique. *Op. cit.* p. 99

<sup>37</sup> *Idem*, p. 77

<sup>38</sup> Crítico literário e escritor imortal da Academia Brasileira de Letras. Adotou o pseudônimo Tristão de Ataíde e era um grande líder católico com envolvimento no integralismo.

<sup>39</sup> “O Centro Dom Vital foi fundado por Jackson de Figueiredo em 1922, com o apoio de D. Leme. A definição de seu papel está diretamente ligada à conjuntura social brasileira. [...] O Centro é fundado num ano importante na história política, intelectual e religiosa [...] Um espírito de euforia e renovação emergia no período pós-guerra. Instituições políticas começavam a entrar em crise. [...] O Centro Dom Vital foi organizado com a finalidade de catolicizar as leis, lutar pela paz [...] enfim, para contribuir com o episcopado na obra de recatolicização da intelectualidade.” DIAS, Romualdo. *Imagens de ordem: a doutrina católica sobre a autoridade no Brasil*. São Paulo: Unesp, 1996. p.89-90.

revelando que para a ANL o integralismo e o conservadorismo católico andavam juntos.<sup>40</sup>

No dia 2 de junho de 1935, foi realizado, no distrito de São José do Vale do Rio Preto, um comício da ANL que teve como propósito fortalecer o movimento aliancista em Petrópolis. A conquista de militantes naquele distrito parecia fundamental, já que grande parte dos militantes integralistas da cidade eram moradores daquela localidade. Este comício gerou tensões antes mesmo do seu início, pois tanto no centro da cidade quanto no bairro Cascatinha alguns integralistas tentaram impedir que os aliancistas embarcassem rumo a São José.<sup>41</sup>

## **O SEGUNDO CONGRESSO INTEGRALISTA EM PETRÓPOLIS E A INTENSIFICAÇÃO DO DISCURSO AO OPERARIADO**

O início do ano de 1935 foi um momento de muitas mudanças para a AIB. O movimento começou a se mobilizar nacionalmente com o objetivo de combater o avanço comunista no Brasil.<sup>42</sup> Embora a ANL só tenha se lançado oficialmente em março de 1935, o movimento já vinha sendo articulado desde janeiro de 1935.<sup>43</sup> A reação a esse avanço comunista foi um dos pontos principais discutidos no Segundo Congresso Integralista.

As principais lideranças, nacional e regional, do movimento participaram do congresso. O intuito da reunião era avaliar a atuação e as ações realizadas até então pelo movimento em todo o país. “Eles procuram também orientar e conferir certa homogeneidade às estratégias que os diferentes Núcleos deveriam adotar, no sentido de ampliação do movimento e combate aos comunistas.”<sup>44</sup>

No discurso de encerramento do congresso, Plínio Salgado alertou a militância para que diminuísse o culto a sua pessoa e para que se empenhasse mais em executar as diretrizes do movimento.

No discurso que pronunciei encerrando o Congresso de Petrópolis, frisei este ponto, transmitindo uma ordem rigorosa às Províncias; este movimento é de idéas claras, nítidas, precisas, não de fanatismo em torno da minha pessoa. Determinei que os integralistas pensassem menos em mim e mais em nossa doutrina.<sup>45</sup>

<sup>40</sup> A MANHÃ, 31 maio 1935, p. 2. *apud* MACHADO, Paulo Henrique. *Op. cit.*, p. 103.

<sup>41</sup> MACHADO, Paulo Henrique. *Op. cit.* p. 105

<sup>42</sup> CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Integralismo e política regional: a ação integralista no Maranhão*. São Paulo: Annablume, 1999. p. 49.

<sup>43</sup> MACHADO, Paulo Henrique. *Op. cit.* p. 93

<sup>44</sup> CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Op. cit.* p. 49.

Segundo Héglio Trindade, o período de 1932 a 1934 é considerado um momento transitório, em que Plínio Salgado amplia sua força de liderança do movimento. No Primeiro Congresso Integralista, realizado em 1934, na cidade de Vitória, o movimento recebeu seu primeiro estatuto, que serviu como base para a organização política e os objetivos do movimento. A AIB se apresentou como uma associação nacional de direito privado, visando ser um centro de estudos de cultura sociológica e política, com o objetivo de implantar o Estado Integral no Brasil. A base integralista consistia na defesa de Deus, da Pátria e da Família.<sup>46</sup>

O Segundo Congresso, para Trindade, representou uma mudança da fase revolucionária para a fase eleitoral, quando o movimento perdeu parte de sua radicalidade e começou a pensar não somente nos militantes, mas também nos eleitores em potencial.<sup>47</sup>

### **ECLOSÃO DOS CONFLITOS NA CIDADE: INTEGRALISTAS *VERSUS* ALIANCISTAS**

O ano de 1935 ficou marcado como o ponto máximo dos conflitos na cidade de Petrópolis que envolviam integralistas e aliancistas. Os integralistas já fixados na cidade desde 1933 achavam-se no direito de não perder espaço ali; por outro lado, os aliancistas, recém-chegados, encontraram uma cidade já com os ânimos alterados, desde a saída do interventor Fiúza, o que só se agravou com a eclosão de greves em fábricas petropolitanas. O movimento grevista serviu como base para fortalecer ainda mais a luta aliancista contra a repressão ao trabalhador.<sup>48</sup>

Esses conflitos levaram ao trágico 9 de junho de 1935. Nesse dia, militantes aliancistas preparavam-se para um comício, promovido pelo Diretório Nacional da ANL. Já no começo do dia, alguns aliancistas foram duramente reprimidos por militantes integralistas durante a afixação de cartazes anunciando o comício. O comício foi realizado às 16h, na principal praça do centro da cidade, a praça D. Pedro II. Cerca de 5 mil aliancistas fizeram parte do evento. Após o término, saíram em passeata pelas ruas da cidade. Ao chegar à frente da sede do núcleo integralista, Roberto Sisson, representante aliancista, discursou ali mesmo ao público. Os integralistas reagiram:

---

<sup>45</sup> SALGADO, Plínio. Messianismos. In: \_\_\_\_\_. A doutrina do Sigma. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1935. p. 69.

<sup>46</sup> TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1974. p. 170.

<sup>47</sup> Idem, p. 217.

<sup>48</sup> MACHADO, Paulo Henrique. *Op. cit.* p. 103.

Segundo o jornal *A Pátria*, “as luzes da sede Integralista foram apagadas” e em seguida foram disparados tiros contra a multidão ferindo várias pessoas e matando o operário Leonardo Candu, de 29 anos. O operário era funcionário da fábrica D. Isabel, onde exercia a função de maçarqueiro [maquina que transforma a fita de algodão em pavio], era casado com Antonia Candu, com quem tinha três filhos, Elza de 4 anos, Genny de 2 anos e Mariene de 2 meses.<sup>49</sup>

Já no dia seguinte, foi realizada uma reunião entre os operários no Sindicato dos Têxteis de Petrópolis, onde também funcionava a sede da ANL. Os operários votaram a favor de uma greve, que contou com a adesão de trabalhadores de outros segmentos, entre eles os ferroviários e padeiros. Com ampla repercussão no município, o funeral de Candu se transformou em protesto contra os integralistas.<sup>50</sup>

A greve tomou novos rumos. Outras reivindicações se somaram às manifestações contra a morte de Candu, como redução da jornada de trabalho, melhores salários, melhor condições de trabalho, dando continuidade ao movimento grevista e angariando a adesão de trabalhadores de municípios próximos, como Magé e Pau Grande.<sup>51</sup> Para tentar conter as manifestações e os ânimos na cidade, a polícia local recebeu reforço de dois contingentes da polícia de Niterói.<sup>52</sup> A greve durou nove dias. O ex-prefeito Yêddo Fiúza foi chamando pelos tecelões para mediar as negociações com o empresariado. Fiúza interveio e solicitou apoio de Luiz Mazavilla e Júlio Muller, membros do Ministério do Trabalho, garantindo assim um acordo entre trabalhadores e patrões.<sup>53</sup>

No dia 5 de julho foi lançado, no Rio de Janeiro, durante comício, um Manifesto aliancista, assinado por Luiz Carlos Prestes, que servia de pretexto para uma maior vigilância ao movimento em todo o Brasil. O governo de Vargas sentia-se cada vez mais ameaçado, pois cada encontro entre aliancistas e integralistas resultava em sérios conflitos. Vargas também sofria com uma quantidade cada vez maior de denúncias a respeito de supostos golpes contra seu governo, o que levou o governo a decretar a ilegalidade da ANL.<sup>54</sup>

O conflito ocorrido em Petrópolis não foi um caso à parte. Embates entre integralistas e grupos anti-integralistas já haviam ocorrido no Brasil. É o caso de Bauru, em que a historiadora Lídia Maria Vianna Possas analisou um conflito ocorrido em 3 de outubro de 1934, quando o movimento integralista em marcha pelas ruas da cidade enfrentou resistência da Coligação Proletária. O saldo do conflito foi de um morto e quatro feridos.<sup>55</sup>

<sup>49</sup> A PÁTRIA, 11 jun. 1935. *apud* MACHADO, Paulo Henrique. *Op. cit.* p. 107.

<sup>50</sup> MACHADO, Paulo Henrique. *Op. cit.* p. 109.

<sup>51</sup> *Idem*, p. 107-111.

<sup>52</sup> ALCÁNTARA, Priscila Musquim. *Op. cit.* p. 42.

<sup>53</sup> *Idem*, p. 43.

<sup>54</sup> VIANNA, Marly de Almeida. *Op. cit.* p. 87.

<sup>55</sup> POSSAS, Lídia Maria Vianna. *O trágico Três de Outubro: estudo histórico de um evento*. Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 1993. p. 45-50.

Houve também a Batalha da Praça da Sé, choque entre integralistas e militantes da Frente Única Antifascista,<sup>56</sup> ocasionando a morte de integralistas e vários feridos. Houve confrontos também em São Sebastião do Caí, no Rio Grande do Sul, e Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro.<sup>57</sup> Esses conflitos tinham em comum a morte de militantes integralistas, que rapidamente eram elevados a “mártires” do movimento. No entanto, no caso de Petrópolis, a vítima foi um operário aliancista. Leonardo Candu virou um mártir para o operariado local.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o movimento integralista em Petrópolis, antes e depois da realização do Segundo Congresso Nacional, é possível observar que houve uma alteração no discurso e na atividade dos integralistas petropolitanos. Não por mera coincidência os contornos dessa mudança ficam mais claros em 1935, ano em que é criada a Aliança Nacional Libertadora.

Antes do congresso, os membros da Ação Integralista Brasileira buscavam espaço entre os discursos autoritários expressivos que tinham adesão junto a descendentes de germânicos e de italianos em Petrópolis, ou seja, o nazismo e o fascismo. Depois, a crítica às doutrinas estrangeiras deixou de ser ponto de discussão frequente nas publicações integralistas, dando espaço para um discurso voltado aos operários do município, buscando trazê-los para as fileiras integralistas.

O ano de 1935 pode ser considerado o ápice dos confrontos entre integralistas e aliancistas em todo o País. Em Petrópolis não foi diferente. A consequência principal do conflito do dia 9 de junho de 1935 foi o aumento do prestígio de Petrópolis junto aos líderes da ANL, em especial Luiz Carlos Prestes. Segundo texto de Anita Leocádia Prestes, para ele, “lutas, como a de Petrópolis, precisam ser preparadas e levadas a efeito em todo o Brasil. Depois de uns vinte Petrópolis a insurreição será inevitavelmente vitoriosa”.<sup>58</sup>

Valendo-se da Lei de Segurança Nacional, aprovada em abril de 1935, Getúlio Vargas assina decreto em julho de 1935, determinando o fechamento da ANL, sob a justificativa de se tratar de um instrumento a serviço do “comunismo internacional”.<sup>59</sup> A repressão ao movimento, tendo como agentes os representantes de setores conservadores de

<sup>56</sup> CASTRO, Ricardo Figueiredo de . A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934). *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 354-388, 2002.

<sup>57</sup> FAGUNDES, Pedro Ernesto. *A ofensiva verde: a Ação Integralista Brasileira (AIB) no estado do Rio de Janeiro (1932-1937)*. 2009. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. p. 114.

<sup>58</sup> Conforme Luiz Carlos Prestes citado por PRESTES, Anita Leocádia. Op. cit.

<sup>59</sup> PRESTES, Anita Leocádia. Op. cit. p.10.

Petrópolis, prejudicou as atividades da ANL, mesmo na ilegalidade. Em contrapartida, o integralismo em Petrópolis permaneceu estruturado até o golpe do Estado Novo, quando Vargas determinou a dissolução de partidos políticos existentes até 1937. Não foi o bastante para enterrar o movimento no município. As atividades dos integralistas continuaram na clandestinidade, até que em fevereiro de 1938 a polícia invadiu duas sedes da organização, apreendendo os arquivos e armamentos que encontraram nos locais.<sup>60</sup>

A atuação dessas duas correntes contrárias dentro da cidade de Petrópolis, os conflitos e a resistência desses grupos comprovam que o discurso de que em Petrópolis a população é “pacata e ordeira” pode esconder o oposto: setores mobilizados, conflitantes e atuantes politicamente.

---

<sup>60</sup> Sensacionaes diligencias policiais: combate ao integralismo. *Jornal de Petrópolis*. Petrópolis, v. XV, n. 39, p.3, 14 fev. 1938.